

EM CRETA COM O MINOTAURO

Carlos Mendes de Sousa*

Gostaria de falar da minha experiência de leitura do poema em sala de aula, concretamente num módulo sobre as representações de Portugal na poesia portuguesa moderna e contemporânea. Este foi o texto que, nesse lugar, maior adesão suscitou. Acho que para esse forte impacto também terão contribuído as projecções, os processos de identificação (penso em especial nos muitos alunos brasileiros que nos últimos anos têm afluído a cursos de pós-graduação na Europa). A questão das pátrias, dos exílios e das emigrações sempre foi um tema particularmente sensível. Além disso, “Em Creta com o Minotauro” proporciona uma estimulante leitura (tantas são as ressonâncias ali contidas) que torna muito viva a discussão à volta das coisas ditas e das não-ditas. Desde logo a deteção dos intertextos: dos mais óbvios, como Camões e Bernardo Soares, aos menos explícitos, como Nietzsche ou Kavafy, nesse caminho de uma poesia culturalista, no seu caso sempre devindo carne viva.

Foi também nessas aulas que me ocorreu outro eco. Falo do igualmente célebre “O poeta come amendoim”. Em Araraquara, Jorge de Sena encontrou um rasto do “grande e tão influente Mário de Andrade”, como se lhe referiu. Num texto de 1977, Sena menciona o gesto da doação feita por aquele poeta de parte considerável de seus livros à Biblioteca Pública de Araraquara. E recorda que pôde manusear este espólio bibliográfico, quando viveu na cidade. A primeira e mais imediata aproximação que encontro decorre do enquadramento que no poema modernista de Mário de Andrade nos dá a ver o poeta comezinhamente comendo amendoim. Depois vem a reverberação dos versos que falam por si, na linha deflacionária, tocando numa das mais sensíveis teclas da vivência seniana: “Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...”.

Na “Nota introdutória a uma dupla reedição”, escrita para a junção dos contos no volume *Antigas e Novas Andanças do Demónio*, Jorge de Sena apresenta uma interessante observação sobre o alcance dos seus “Prefácios”. Ausente do país desde 1959, estes paratextos corresponderiam a uma forma de substituição dos “lugares de reunião pública e privada aonde as reputações se fazem ou desfazem”, como é o caso dos encontros nos cafés. Talvez também se possam ler a partir daqui, em clave de tertúlia, os significados do estranho encontro com o Minotauro.

* Professor na Universidade do Minho. Tem-se dedicado especialmente ao estudo da literatura brasileira e da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Entre os seus trabalhos contam-se os livros *Clarice Lispector. Figuras da escrita*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2012 e *Clarice Lispector. Pinturas*, Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

Em 1970, alguns meses antes de se mudar para Santa Barbara, ocorre um gesto revisionista do autor, relativamente a este poema, que importa considerar. Como se fosse imperioso esse regresso, em hora de balanço. Agora não pela via das habituais leituras explicativas em notas metatextuais, mas através da própria voz poética, num registo próximo do concretismo. O que está em causa em rigor é a revisão da última estrofe. É em *Sequências*, livro póstumo organizado por Mécia de Sena, e publicado em 1980, que encontramos o poema a que me refiro, na primeira secção intitulada “Invenções *au goût du jour*”. Quase todos os textos deste conjunto foram escritos no início de 1970. Apenas três foram publicados em jornal (*Diário de Notícias*, 16.04.1970) e entre estes encontra-se justamente o poema em causa: “Sobre uma estrofe de Jorge de Sena”. O distanciamento analítico destaca a moldura simbólica (lugar, animal e solidão) e os efeitos tropológicos da “redução negativa”. Passa-se de imediato a um expressivo comentário, isto é, uma autocrítica marcada por um particular envolvimento, como é sempre nele o seu viver inteiro.

Como explicar a quietude que no último verso toma conta do poema? Depois do desalento, depois da raiva da pouca humanidade do mundo, depois da inconformada vociferação, o que quer dizer esse frente a frente, em paz, com o Minotauro? Tudo parece encaminhar-nos para a leitura do íntimo quadro convivial, num idealizado afastamento dos ruídos do tempo desassossegado, como forma última de resolução. Mas é aí que se impõe o comentário: “hei-de tomar em paz o meu café (isso é o que ele julga)”. Para que não haja dúvidas, é re-instaurada a dúvida.

...

O poema ajuda-me a fixar um retrato, rebobinando o tempo até ao momento em que avidamente descobri Jorge de Sena. Nessa mesma altura, eu ia devorando também os filmes de Pasolini, à medida que iam sendo distribuídos entre nós. Recordo igualmente uma exposição e uma palestra de Duane Michals, na mesma cidade onde então eu morava.

Muito se escreveu já sobre a vertente interartística na obra de Sena. São conhecidas algumas das suas predileções relativas a filmes e a cineastas. Não me lembro de ter visto referências a Pasolini. Convoco este nome e o de Duane Michals, a propósito do poema e da sua cena mais plástica. Consigo imaginar o quadro poético do encontro com o Minotauro, em sequência narrativa, pela lente do fotógrafo americano. E também pela câmara de Pasolini. Penso muitas vezes nisso ao ler a última estrofe do poema. Como uma fotografia, como um fotograma. Era assim que eu gostaria de captar o seu retrato se fosse fotógrafo ou cineasta.